

Lévi-Strauss diante de Marx

Lucas Parreira Álvares

Doutorando em Antropologia Cultural/Universidade Federal do Rio de Janeiro

lucasparreira1@gmail.com

Resumo

O objetivo do presente artigo é estudar a influência de Karl Marx no itinerário teórico de Claude Lévi-Strauss. Para tanto, foram rastreados os nexos da frequente, embora oscilante, influência de Marx em seus escritos, desde o contexto da militância de juventude até as últimas publicações do consagrado autor das *Mitológicas*. Ninguém menos do que o próprio Lévi-Strauss – tanto no decorrer de seus livros e artigos, quanto por meio de suas importantes entrevistas – nos convida a pensar a influência que Marx exerceu no decorrer de sua obra. A exposição parte, portanto, de escritos advindos do próprio Lévi-Strauss. Nesse percurso, será apresentado o problema, os objetivos e nossa hipótese. Se Lévi-Strauss chegou a afirmar que “com Marx descobri um mundo”, é exatamente sobre essa descoberta que pretendo despende esforços de investigação e interpretação.

Palavras-chave: Lévi-Strauss, Karl Marx, Estruturalismo, Marxismo, *Mitológicas*.

Abstract

The objective of this article is to study the influence of Karl Marx on Claude Lévi-Strauss' theoretical itinerary. To this purpose, the links of the frequent, albeit oscillating, influence of Marx in his writings were traced, since the context of youth activism to the latest publications by the renowned author of *Mythologiques*. No one less than Lévi-Strauss himself - both in the course of his books and articles, and through his important interviews - invites us to think about the influence that Marx had in the course of his work. The exhibition is based, therefore, on writings from Lévi-Strauss himself. Along the way, the

problem, the objectives and our hypothesis will be presented. If Lévi-Strauss went so far as to affirm that “with Marx I discovered a world”, it is precisely on this discovery that I intend to spend research and interpretation efforts.

Keywords: Lévi-Strauss, Karl Marx, Structuralism, Marxism, Mythologiques.

Dedicado a Mauro W. B. de Almeida

Palavras preliminares¹

São frequentemente mencionados os parágrafos de *Tristes Trópicos* nos quais Lévi-Strauss revela que, durante sua juventude, possuía “três amantes”²: o marxismo, a geologia e a psicanálise. Apesar das particularidades de cada uma dessas amantes, as três operam por uma lógica comum: “que compreender consiste em reduzir um tipo de realidade a outro; que a realidade verdadeira nunca é a mais patente; e que a natureza do verdadeiro já transparece no zelo que este emprega em se ocultar” (Lévi-Strauss 2017: 61).

Em pesquisa anterior, investiguei os chamados “*Cadernos Etnológicos*” de Karl Marx que, em sua totalidade, compreendem o conjunto de alguns “fichamentos” que o revolucionário fizera entre 1880 e 1882 de importantes textos etnológicos de seu tempo³. O mais proeminente desses textos foi *Ancient Society*, de Lewis Henry Morgan. Nesse *Cadernos*, Marx se posicionou diante de questões como totemismo, propriedade comunal, proibição do incesto, classificações étnicas de sociedades, entre outras temáticas por meio das quais foi interpelado em sua rigorosa leitura desses autores. As proposições de Marx nestes “fichamentos” eram absolutamente pertinentes, e iam muito além das formulações

1 Durante a elaboração deste artigo, fui agraciado pelas leituras atenciosas de Mauro W. B. Almeida, Marcos Lanna e Piero Leirner. Eu não poderia ser mais grato a esses professores que tanto admiro. Aos três, deixo aqui o meu profundo agradecimento. Que as sugestões que não aderi se tornem a alavanca de um diálogo profícuo daqui em diante. Deixo aqui meu agradecimento também à Equipe Editorial da R@U, especialmente a Leon Goulart e Luísa Amador Fanaro, pela paciência e atenção que tiveram durante todo o processo de submissão.

2 A metáfora das “Três amantes de Lévi-Strauss” ficou especialmente conhecida nas palavras de Philippe Descola (2009).

3 Em 1972 o antropólogo Lawrence Krader publicou a obra *The Ethnological Notebooks of Karl Marx*, após mais de 20 anos de tradução, organização e edição de cadernos de Marx que estavam “esquecidos” - para não dizer “negligenciados” no *International Institute of Social History*, em Amsterdã, Holanda. Eles remontam ao período final da vida de Marx. Neles, o autor alemão transcreve, organiza e tece comentários a algumas passagens das obras de quatro autores que produziram trabalhos que versam sobre os assuntos que interessavam ao que hoje compreendemos por etnologia. São eles: o antropólogo estadunidense Lewis Henry Morgan; o arqueólogo inglês John Lubbock; e os juristas britânicos John Budd Phear e Henry Summer Maine (cf. Álvares 2019).

dos teóricos por ele estudados. A tal ponto que, para demonstrar a importância das posições de Marx, recorri a algumas contribuições de autores da história do pensamento antropológico de décadas seguintes àquelas formulações. Dentre esses autores, Lévi-Strauss. Se naquela ocasião foi necessário opor as formulações de Marx às de Lévi-Strauss, o que pretendo apresentar nesse artigo nada mais é que o caminho inverso: o objetivo presente passa pela compreensão da posição de Lévi-Strauss frente às formulações de Marx.

À primeira vista, esse pode parecer um exercício pretensioso para um artigo, ainda mais se tratando de dois autores que, em ocasiões distintas, foram considerados “incontornáveis” (cf. Perrone-Moisés 2008; Nóvoa 2007) em seus respectivos campos de atuação. Admito que essa interlocução pode provocar o derramamento de ainda mais tinta. Todavia, por meio deste artigo introdutório, almejo apenas despertar o desejo de saciar um problema que incorre no entendimento dos nexos entre as obras de dois autores cujos estatutos teóricos são absolutamente significativos para a filosofia e as ciências sociais: qual a influência, no decorrer do desenvolvimento teórico de Lévi-Strauss, das proposições políticas e teóricas de Karl Marx?

Entre intérpretes, biógrafos e críticos

Por se tratar de autores consagrados e constantemente debatidos por diversas tradições teóricas, não posso abdicar de fazer menção às fontes que contribuíram para meu entendimento introdutório dessa relação. É momento, portanto, de deslocar a atenção da obra do próprio Lévi-Strauss – nossa fonte primária – para apresentar de maneira breve um panorama de como a literatura – nossas fontes secundárias – lidou com a presente temática aqui proposta. Iniciarei a exposição com textos que se propuseram a fazer um esforço semelhante a este, ou seja, compreender a influência de Marx na obra de Lévi-Strauss; em seguida passarei pelos textos de cunho biográfico que possuem a capacidade de fornecer informações preciosas ao propósito enunciado; e, por fim, mencionarei uma literatura que, embora não trate de questões específicas que orbitam este trabalho, certamente poderá contribuir para algumas inquietações aqui apresentadas – refiro-me às discussões provenientes dos debates entre marxismo e estruturalismo na França a partir da década de 60 do século XX.

Alguns estudos preliminares tentaram, cada qual a seu modo, identificar como agiu a suposta influência de Marx na obra de Lévi-Strauss. Esses, todavia, ou se concentraram principalmente nos anos de juventude do etnólogo francês e em sua atuação em organizações

políticas (cf. Stoczkowski 2008; Topolski 1974) ou trataram da influência teórica de Marx sem se aprofundarem com a devida intensidade na obra de Lévi-Strauss (cf. Mckeen 1981; Karsenti 2013). Embora possam oferecer direcionamentos pertinentes às inquietações aqui anunciadas, se eu acreditasse que essas investigações pretéritas são suficientes ao objetivo aqui proposto, este trabalho não seria necessário. Mas independentemente de suas insuficiências, eles constituem um material relevante por terem tido a capacidade de fornecer algum insumo durante a pesquisa que resultou neste artigo.

Além desses, os trabalhos biográficos que se debruçaram sobre a vida e a obra de Lévi-Strauss são absolutamente importantes e significativos para uma contextualização pessoal e teórica deste autor. Concentrei-me especialmente em duas obras desse gênero. Quanto ao período de juventude, a detalhada biografia produzida por Emmanuelle Loyer (2018) abre caminhos definitivos para o entendimento da influência de Marx nesse período da vida de Lévi-Strauss, além de esclarecer as relações de proximidade e distanciamento do etnólogo com diversos pensadores marxistas que o interpelaram no decorrer de seu itinerário teórico. Já a biografia anteriormente produzida por Catherine Clément (2004) pouco contribui para a compreensão dos anos de juventude de Lévi-Strauss, porém destina algumas páginas preciosas do capítulo “A utilização de Karl Marx” no sentido de tecer apontamentos sobre a pertinência da “metáfora do edifício” – estrutura/superestrutura – de Marx no pensamento de Lévi-Strauss, que nos condiciona, por sua vez, ao entendimento de uma possível influência do autor de *O Capital* na produção teórica do autor das *Mitológicas*.

Além de interpretações e biografias, as décadas de 60 e 70 do século XX foram marcadas, no seio da matriz antropológica francesa, por intensas discussões sobre as semelhanças e dissonâncias entre marxismo e estruturalismo (cf. Dianteill 2010; Sahlins 2003). Isso pôde ser constatado a tal ponto que Pierre Clastres chegou a afirmar que “o discurso estruturalista cedeu assim o passo ao discurso marxista, como discurso dominante da antropologia” (Clastres 2004: 200) – ainda que de maneira momentânea. Essas discussões também repercutiram na literatura brasileira, e dois dos principais teóricos marxistas deste país – Caio Prado Jr. (1971) e Carlos Nelson Coutinho (2010) – se dispuseram a pensar criticamente a relação entre marxismo e estruturalismo. Ressalto isso, pois o título deste artigo pode suscitar o entendimento de que as linhas a seguir tratarão de uma discussão entre essas duas tradições teóricas. Contudo, mesmo que as análises de proximidades e distanciamentos entre essas duas vertentes (cf. Sebag 1964; Godelier 1973) tenham propiciado diversas interpretações originais dos pensamentos de

Marx e de Lévi-Strauss⁴, quero deixar claro que este não é o foco desta investigação, ainda que a contraposição entre tais tradições possa suscitar marcadores distintivos e servir aos propósitos anunciados.

Colocar-se diante de dois autores com significativos estatutos teóricos não é uma tarefa simples. Personagens complexos, fundamentais em suas áreas, e cujos textos não condensam ingredientes de leitura suave. Não se trata de um esforço resolutivo, e por isso o ponto de chegada é ainda incerto. Todavia pretendo levar adiante esses esforços, no mínimo, como gostava de dizer Lévi-Strauss, “para ver no que dá”⁵.

O Claude que ainda não era Lévi-Strauss

Foi nas imediações da década de 20 do século passado que um jovem militante socialista belga – que posteriormente se tornaria embaixador em Moscou⁶ – apresentou algumas obras de autores revolucionários ao também jovem Claude Lévi-Strauss durante o período em que este desfrutava de suas férias de verão. Dentre os autores apresentados, alguns podiam ser considerados como os principais nomes do pensamento crítico que emergiu na Europa oitocentista, como Pierre-Joseph Proudhon e Karl Marx. Este último o impressionou imediatamente. O jovem estudante parisiense, que ainda estava por terminar seus estudos secundários, dispunha de seus singelos 17 anos de idade e ainda não tinha se graduado em Direito em Paris e nem sequer havia sido admitido para estudar Filosofia em Sorbonne.

As influências socialistas de Claude Lévi-Strauss no decorrer dos anos 20 não se limitavam meramente a um interesse teórico. Foi também por mediação do mesmo jovem belga que Claude se aproximou de sua primeira organização de caráter revolucionário: o Partido Operário Belga (POB). Lévi-Strauss inicialmente admite a participação do amigo em sua transição para uma fase “militante”, por assim dizer, mas se questiona: “Ele

4 Além dos debates específicos sobre o marxismo e o estruturalismo, ressalto também aqueles autores que transitam com propriedade entre os textos de Karl Marx e Lévi-Strauss, como Mauro W. B. Almeida (2003, 2008), Marcos Lanna (2008, 2014) e Turatti (2011).

5 Na nota introdutória de *O Cru e o Cozido*, a intérprete e tradutora Beatriz Perrone-Moisés diz que a expressão “para ver no que dá”, que se faz presente em várias passagens do itinerário teórico de Lévi-Strauss, aparece como se ele “nos convidasse a acompanhá-lo numa expedição arriscada, cujo ponto de chegada não se pode ainda prever” (Perrone-Moisés 2004: 9).

6 O tal “jovem belga” é Arthur Wauters (1890-1960) que foi um importante teórico marxista no Partido Operário Belga. Doutor em economia pela Universidade Livre de Bruxelas, Arthur Wauters iniciou sua carreira política como chefe de gabinete de seu irmão, Joseph Wauters, além de ter sido Ministro do Trabalho e da Previdência Social daquele país. Após essa experiência foi finalmente senador e posteriormente deputado no parlamento belga. Nos anos finais de sua vida foi embaixador da Bélgica em Varsóvia e em seguida na cidade Moscou.

me converteu. Ou será que eu me orientei espontaneamente para essa conversão? Não saberia dizer; mas ele fez de mim, durante algum tempo, uma espécie de pupilo do Partido Operário Belga” (Lévi-Strauss & Eribon 1988: 17-18). O futuro etnólogo conta também que seu “primeiro texto publicado foi impresso pela editora do POB, a *L'Églantine*. Tratava-se de uma brochura sobre Gracchus Babeuf, cuja existência prefiro esquecer” (Lévi-Strauss & Eribon 1988: 18). Nesse livreto de apenas 37 páginas, Lévi-Strauss enxerga em Babeuf – personagem importante que participou da Revolução Francesa e foi executado pela sua atuação na “Conspiração dos Iguais” – um ator com um papel revolucionário concreto que correspondia aos desejos sociais das massas; no entanto, Lévi-Strauss critica a falta de compreensão de Babeuf do lugar dos fatores econômicos nas transformações sociais e históricas.

O fato é que Lévi-Strauss, a partir daquele momento, e independentemente de ser descendente de uma família sem quaisquer suspeições de tendências revolucionárias⁷, teve uma participação ativa em organizações socialistas no intervalo de um breve período de tempo. Em suas próprias palavras, ele diz: “fui secretário do Grupo de Estudos Socialistas das Cinco Escolas Normais Superiores, mesmo não sendo normalista, e fui até secretário-geral da Federação dos Estudantes Socialistas” (Lévi-Strauss & Eribon 1988: 18). Além desse envolvimento estudantil, passou também a pertencer às fileiras da Secção Francesa da Internacional Operária (SFIO), organização que se consolidava naquele contexto como o principal partido socialista francês na primeira metade do século XX, tendo se originado em 1905 a partir de uma unificação de várias organizações francesas sensíveis à causa revolucionária e, posteriormente em 1969, se tornaria o conhecido Partido Socialista (PS) francês.

Para que se tenha noção da representatividade da SFIO à época, durante o mandato de 1924-1928, quanto o partido era governo – e foi nesse intervalo de tempo que Lévi-Strauss conheceu o jovem belga –, a organização detinha 104 das 581 cadeiras do parlamento francês. No pleito seguinte, além da SFIO deixar de ser governo, ela também perdeu 4 de suas cadeiras. O curioso é que, dos 100 parlamentares que restaram à Secção, Lévi-Strauss, “para ganhar um pouco de dinheiro”, foi secretário de um desses deputados entre 1928 e 1930, o socialista Georges Monnet. Após o seu concurso para o magistério,

7 Sobre sua família, Lévi-Strauss afirma: “Ninguém tinha engajamento político. Do lado materno, na casa do grande rabino de Versalhes, estava-se a mil léguas de qualquer preocupação desta ordem. Do outro lado: boa família burguesa que conhecera dias melhores, dotada de um temperamento conservador. A não ser, provavelmente, na juventude de meu pai e de meus irmãos, no tempo do caso Dreyfus. Eles contavam que tinham ido a uma manifestação dreyfusista, em que Jaurès falava. Aproximaram-se no fim para agradecer-lhe e Jaurès lhes deu uma resposta equívoca. ‘Espero — disse — que os senhores se lembrem disto.’ O que significava: ‘Vocês vêm a nós, mas se afastarão logo depois’. Era a pura verdade” (Lévi-Strauss & Eribon 1988: 18).

Lévi-Strauss se afastou não apenas da secretaria do deputado socialista, bem como das atividades do partido. Mas para que pudesse concorrer ao magistério, era necessário que Lévi-Strauss terminasse sua graduação, e o trabalho que nosso autor submeteu para que lhe fosse garantido seu título, a chamada “dissertação de estudos superiores”, tem, aos propósitos deste artigo, um papel essencial.

Sob liderança e orientação de Célestin Bouglé, Lévi-Strauss graduou-se em 1930 com um estudo que foi seu único texto especificamente de tratamento da teoria marxista, cujo título é *O postulado da teoria do materialismo histórico principalmente em Karl Marx*⁸. A escolha de Bouglé também não foi mero acaso: este intelectual teve sua relevância na primeira metade do século XX por ter sido um importante colaborador de Émile Durkheim, além de ter participado como membro ativo da *L'Année Sociologique*, provavelmente o mais importante recanto de publicações científicas no âmbito das ciências humanas e sociais naquele contexto.

Embora a produção fruto de sua dissertação de estudos superiores nunca tenha sido publicada, ela representa as características de um momento importante para o desenvolvimento teórico de Lévi-Strauss, que chegou até a assumir que esse trabalho foi desenvolvido com inspiração naquela influência decisiva: “com Marx descobri um mundo, e eu estava sob o impacto dessa revelação” e, mais do que isso, “naquele momento eu me via claramente transformando-me no filósofo do partido socialista” (Lévi-Strauss & Eribon 1988: 26). Para um jovem egresso em Filosofia na França daquela época, o “mundo marxista” era essencialmente uma revelação epistêmica. A produção deste estudo de 1930 foi tão paradigmática para o futuro etnólogo que, ao ser perguntado ironicamente se “achava engraçado aquele trabalho”, e olhando-se diante do intelectual que se formou em todo o decorrer do século XX, Lévi-Strauss responde: “não, não posso dizer que veja ironia nisso. O Partido Socialista era um ambiente muito vivo, no qual a gente podia sentir-se à vontade. A ideia de lançar uma ponte entre a grande tradição filosófica (...) e o pensamento político, como Marx o encarnava, era muito sedutora”, e termina: “mesmo hoje, entendo como pude sonhar com isso” (Lévi-Strauss & Eribon 1988: 26).

O contato de Lévi-Strauss com a obra de Marx em sua juventude, embora não tenha se tratado de um encontro que gerou a influência decisiva na obra subsequente do etnólogo francês, trouxe, a seu plano teórico, uma importância decisiva, a ponto de afirmar, na metade da década de 50, que “raras vezes dedico-me a enfrentar um problema de sociologia ou de etnologia sem previamente revigorar minha reflexão com algumas páginas de *18 de Brumário de Luís Napoleão* ou da *Crítica da economia política*” (Lévi-

8 Do original: “*Postulat de la theory of materialism historique mainement chez Karl Marx*”.

Strauss, 2017: 61). Aqui temos dois textos cujos estatutos teóricos são absolutamente distintos: *18 de Brumário de Luís Napoleão* – conhecido pelo público lusófono como *18 de Brumário de Luís Bonaparte* – é uma autêntica análise de Marx da realidade em movimento que culminou com a ascensão de Luís Bonaparte ao trono francês por vias escusas; já a *Crítica da Economia Política*⁹ trata-se de uma obra permeada por exercícios de abstração cujo interesse foi compreender as dinâmicas gerais e particulares da sociabilidade capitalista. De um lado temos uma obra conjuntural que lida com acontecimentos, e do outro uma exposição essencialmente teórica que se move por categorias em seus graus de abstração. Essa comunhão permite que o leitor dessas duas obras tenha contato com o âmago produtivo de Marx: a análise *de* realidade e a análise *da* realidade.

Fato é que o “laboratório de Lévi-Strauss”, por assim dizer, desde aquela visita ao jovem socialista belga, passou a ter a presença constante da leitura de Marx como uma fonte a ser consultada em momentos propícios durante o desenvolvimento de sua produção – e, nesse espectro, essas duas obras de Marx mencionadas tiveram uma importância singular.

Histórias, Napoleões e Capitais

Explícita em seu subtítulo – *Crítica da economia política* – a leitura de Lévi-Strauss de *O Capital* o permitiu um conhecimento consistente da anatomia da sociedade civil burguesa – como Marx eventualmente se referia. A esse propósito, e em comparação às investidas de autores da economia política, o trabalho máximo de Marx era o que dispunha de uma análise mais rigorosa e sofisticada. Portanto, levando em consideração a própria erudição de Lévi-Strauss, não causaria espanto o fato de que o francês chegou a citar expressamente passagens inteiras desse paradigmático trabalho. Na França, o primeiro livro de *O Capital* foi originalmente publicado no ano de 1872 sob a forma de fascículos, o que, ao entendimento do autor da obra, que ainda estava vivo durante sua publicação, facilitou o acesso do livro pela classe trabalhadora, e essa consideração era, para Marx (2013: 93), mais importante do que qualquer outra¹⁰. O próprio Marx, leitor hábil do

9 Há uma minúcia aqui que carece de explicação: Lévi-Strauss não especifica se teve contato com a obra marxiana *Contribuição à Crítica da Economia Política*, de 1859, ou se estava referindo a *O Capital*, de 1867, cujo subtítulo é exatamente “crítica da economia política”. No entanto, pelas passagens mencionadas no decorrer de sua obra posso afirmar que Lévi-Strauss tem em consideração a *Magnum opus* de Marx, *O Capital*. Além disso, os indícios dão conta de que ele não teve contato apenas com o Livro I, pois além deste que é o mais conhecido, a obra do francês oferece evidências de que Lévi-Strauss também leu no mínimo fragmentos de pelo menos um dos outros dois tomos da obra de Marx: o Livro II trata *d’O processo de circulação do capital*, e o livro III, *d’O processo global de produção capitalista*.

10 Em carta ao editor da obra na França, Maurice La Châtre, Marx diz: “aplaudo vossa ideia de publicar a tradução de *O Capital* em fascículos. Sob essa forma, o livro será mais acessível à classe trabalhadora e, para mim, essa consideração é mais importante do que qualquer outra. Esse é o belo lado da vossa

francês, revisou os manuscritos de sua obra antes da publicação naquele país.

Uma das circunstâncias em que a leitura de *O Capital* se mostrou relevante para Lévi-Strauss é demonstrada nas especificidades do processo criativo de Marx para o desenvolvimento de sua obra-prima. Isso pode ser constatado na distinção que Marx faz entre modo de investigação/modo de exposição, sendo que “a investigação tem de se apropriar da matéria em seus detalhes, analisar suas diferentes formas de desenvolvimento e rastrear seu nexos interno”. Já a exposição é a forma de apresentação desta investigação: “somente depois de consumado tal trabalho é que se pode expor adequadamente o movimento real” (Marx 2013: 90). A partir da investigação e da exposição de Marx, Lévi-Strauss sugere que a ciência social não se constrói no plano dos acontecimentos e, portanto, “a meta é construir um modelo, estudar suas propriedades e suas diferentes formas de reação no laboratório, para em seguida aplicar essas observações à interpretação do que ocorre empiricamente e que pode estar muito distante das previsões” (Lévi-Strauss 2017: 61). Não surpreende, de modo algum, que mais de trinta anos depois dessas afirmações, Lévi-Strauss assinalaria que “Marx foi o primeiro, nas ciências sociais, a usar sistematicamente o método dos modelos. Todo *O Capital*, por exemplo, é um modelo construído no laboratório que o autor punha a funcionar para confrontar, a seguir, os resultados com os fatos observados¹¹” (Lévi-Strauss & Eribon 1988: 140).

Outra assertiva de Lévi-Strauss em relação a seu olhar sobre este trabalho de Marx é aquela em que o etnólogo francês sugere que existe um fundamento etnográfico nas investigações do teórico alemão, e essa opção de pesquisa apareceria principalmente em *O Capital*: “O problema fundamental do marxismo é saber por que e como o trabalho produz mais-valia. Raramente foi notado que a resposta de Marx a essa questão tem um caráter etnográfico” (Lévi-Strauss 2013: 347). E, de maneira convincente, segue seu raciocínio: “A humanidade primitiva era suficientemente reduzida para instalar-se apenas nas regiões

medalha, mais eis seu lado reverso: o método de análise que empreguei, e que ainda não havia sido aplicado aos assuntos econômicos, torna bastante árdua a leitura dos primeiros capítulos, e é bem possível que o público francês, sempre impaciente para chegar a uma conclusão, ávido por conhecer a relação dos princípios gerais com as questões imediatas que despertaram suas paixões, venha a se desanimar pelo fato de não poder avançar imediatamente. Eis uma desvantagem contra a qual nada posso fazer, a não ser prevenir e premunir os leitores ávidos pela verdade” (Marx 2013: 93).

- 11 Aqui tenho uma posição distinta da de Mauro W. B. de Almeida. Ao passo que Mauro – em comentários pessoais a este artigo – concorda com a afirmação de Lévi-Strauss de que Marx opera por “Modelos”, minha interpretação caminha em um sentido distinto: *O Capital* de Marx é essencialmente um *Anti-Modelo*. Os argumentos de Mauro são convincentes e não pretendo exaurir essa discussão neste momento, mas brevemente eu argumentaria que operar por “Modelos” incorre necessariamente na utilização de construtos prévios estruturais que deem sustentação à pesquisa, e Marx não se propõe a este modo de investigação. Adiante neste artigo toco novamente nesse tema, mas pretendo explorar melhor essa discussão em outro momento específico, e claro, em diálogo profícuo com o próprio Mauro W. B. Almeida.

do mundo cujas condições naturais garantiam um resultado positivo para seu trabalho” (...) “ademais, é propriedade intrínseca da cultura – no sentido que os etnólogos dão ao termo – estabelecer entre mais-valia e trabalho uma relação tal que aquela sempre se acrescente a este”.

Acompanhando o pensamento de Marx, Lévi-Strauss conclui que “por essas duas razões de ordem lógica e uma outra de ordem histórica, pode-se postular que, de saída, todo trabalho produz necessariamente mais-valia”. Já a exploração do homem pelo próprio homem “vem mais tarde, e aparece concretamente na história, na forma de exploração do colonizado pelo colonizador ou, dito de outro modo, pela apropriação, em benefício deste último, do excedente de mais-valia de que, como acabamos de ver, o primitivo dispõe de pleno direito” (Lévi-Strauss 2013: 347). A esse propósito, e para concluir seu raciocínio, Lévi-Strauss apresenta uma importante citação do Livro I de *O Capital*, de Karl Marx:

Suponha que um desses cortadores asiáticos de pão necessite de 12 horas de trabalho por semana para satisfação de todas as suas necessidades. O que o favor da natureza lhe dá diretamente é muito tempo de ócio. Para que ele possa utilizar esse tempo de forma produtiva em benefício próprio é requerida toda uma série de circunstâncias históricas; para que o gaste em mais-trabalho para estranhos é necessário a coação externa (Marx 2013: 584)¹².

A sugestão de Lévi-Strauss de que Marx se utilizou de dados etnográficos para a confecção de *O Capital* não é mero acaso¹³. Para a produção dos três tomos de sua obra-prima, embora apenas o primeiro tenha sido publicado pelo autor em vida, Marx deixa claro que teve acesso ao que se tinha de mais sofisticado na época acerca das produções etnográfica e etnológica de seu tempo: no livro I d'*O Capital*, por exemplo, Marx cita Georg Maurer, relevante investigador alemão que desenvolveu trabalhos sobre as comunidades aldeãs naquele país. Já no Livro II, Marx cita a importante obra *Researches into the Early*

12 Na última edição nacional da obra *Antropologia Estrutural Dois*, foi apresentada essa citação de Marx a partir da edição de *O Capital* da editora Nova Cultural. Entretanto, a paginação atribuída a essa citação na edição brasileira da Nova Cultural está errada. Não se trata da página 106, mas sim da 143. De toda forma, optei por trazer aqui a passagem d'*O Capital* referente à edição da Boitempo, acreditando que a tradução desta obra feita por Rubens Enderle é mais aprimorada e rigorosa que a anterior.

13 Alguns intérpretes, como Patterson (2011) e Lanna (2014), vão ainda mais longe ao sugerirem que Marx não apenas se utilizou de dados etnográficos, como também sua principal obra, *O Capital*, seria o resultado de uma produção etnográfica. Nesse sentido, é fundamental distinguir a etnografia como insumo de uma investigação, e a etnografia expressa em ato. Na minha condição de intérprete, *O Capital* não é uma obra etnográfica, embora tenha sido claramente fundamentada, dentre outras fontes, por etnografias.

History of Mankind, de Edward Burnett Tylor¹⁴, trabalho que é referência para a própria antropologia moderna nascente dos fins do século XIX. Da publicação de *O Capital* em 1867 até a sua morte em 1883, Marx teve contato com diversos outros trabalhos etnográficos e etnológicos relevantes, desde os escritos do britânico Henry S. Maine, autor da controversa *Ancient Law*, até o etnógrafo russo Maksin Kovalevski, que investigou as origens ancestrais das instituições políticas naquele país e foi um importante amigo de Marx nos seus últimos anos de vida, com quem o socialista alemão se correspondia frequentemente. Um destaque especial se deve ao contato de Marx com a obra *Ancient Society*, de Lewis Morgan, da qual o autor de *O Capital* tomou notas e teceu alguns comentários às investidas do pioneiro antropólogo estadunidense¹⁵. Não de maneira espontânea que Lévi-Strauss (2008: 366) reconheceu que Marx, assim como Engels¹⁶, tinham um conhecimento sofisticado sobre esse novo campo que estava em desenvolvimento.

Ainda sobre o uso de Lévi-Strauss da obra máxima de Marx, na tentativa de justificar a afirmação de que é “quase possível sustentar que, no pensamento marxista, a ciência econômica e a sociologia nascem como dependências da etnografia” (Lévi-Strauss 2013: 348), Lévi-Strauss retoma o capítulo 24 do Livro I de *O Capital*, “A assim chamada acumulação originária”¹⁷, um dos mais repercutidos dessa obra seminal. Para a compreensão dessa acumulação primeva, que não é nada mais do que “o processo histórico de separação entre produtor e meio de produção” (Marx 2013: 786), o etnólogo francês observa que o regime capitalista “remonta à descoberta de regiões auríferas e argentíferas da América,

14 “Quando o selvagem faz arcos, flechas, martelos de pedra, machados, cestos etc., ele sabe perfeitamente que o tempo assim despendido não foi empregado na confecção de meios de consumo; está consciente, portanto, de que satisfaz sua necessidade de meios de produção e nada mais. Além disso, o selvagem comete um grave pecado econômico quando se mostra completamente indiferente em relação ao tempo despendido nessa tarefa, dedicando às vezes, por exemplo, um mês inteiro à confecção de uma única flecha, como relata Tyler” (Marx 2014: 543). Não estranhem a utilização da grafia “Tyler” por Marx ao invés de “Tylor”, afinal, foi com esse nome que foi publicado a versão alemã da obra *Researches into the Early History of Mankind* do etnólogo inglês.

15 Para mais, vide Álvares (2019).

16 Uma advertência: aos propósitos desse trabalho é fundamental diferenciar Marx de Engels. Isso, pela própria capacidade que Lévi-Strauss teve de distingui-los ao ler obras específicas de Engels como a *Dialética da Natureza* e *A origem da família*, da propriedade privada e do Estado. Não considero, como intérpretes importantes (cf. Lênin 1977), que os pensamentos de Marx e Engels devam ser tratados como um binômio. De certo modo, isso obscurece as próprias teorizações autônomas produzidas por Engels. Aos propósitos deste artigo, sublinho que tratarei apenas da relação de Lévi-Strauss com o pensamento de Marx, e nos momentos em que Engels aparece, isso se dá de modo parcelar à investigação central.

17 Muitas traduções, ao ressaltar o caráter primevo desse tipo de acumulação, optam por traduzir tal categoria como “acumulação primitiva”. Contudo, a utilização deste termo faz tão pouco sentido quanto falar de um “pecado primitivo” em alusão ao episódio mitológico em que a Serpente seduziu Eva a morder o fruto proibido. Assim como as múltiplas expressões deste mito bíblico são conhecidas por “pecado original”, é provável que a intenção de Marx, ao propor essa alusão, e ao compará-lo com o mito originário da tradição judaico-cristã, tenha sido falar de uma “acumulação originária”.

e posterior redução dos indígenas à escravidão, seguidas da conquista e pilhagem das Índias Orientais e, finalmente, [e citando Marx] da transformação da África numa ‘espécie de reserva comercial para a caça aos peles-negras’” (Lévi-Strauss 2013: 348). São esses os “procedimentos idílicos” da acumulação originária, conforme nomeados por Marx, que assinalam a aurora do modo de produção capitalista e que não se reduz a uma prática pretérita, mas se mantém como uma forma necessária de acumulação para a manutenção do capitalismo ainda hoje.

Falar da acumulação originária nesses termos incorre em pressupor todo o processo de colonização que emergiu nos fins do século XV¹⁸. Lévi-Strauss (2013: 347-348) chega, portanto, a duas conclusões após a leitura do Capítulo 24 de *O Capital*: em primeiro lugar, que “a colonização é lógica e historicamente anterior ao capitalismo”; em segundo lugar, que “o regime capitalista consiste em tratar os povos ocidentais do mesmo modo que o Ocidente tinha anteriormente feito com populações indígenas” – duas conclusões que me parecem absolutamente corretas. Assim, segundo a leitura de Marx por Lévi-Strauss, “a relação entre capitalista e proletário não é senão um caso particular da relação entre colonizador e colonizado”.

Já a leitura de *18 de Brumário de Luís Bonaparte*, livro dedicado a contar criticamente a história do golpe de Estado que colocou ao chão a curta experiência da Segunda República Francesa, ofereceu a Lévi-Strauss o que podemos chamar de a principal análise social, no calor dos fatos, de um evento do século XIX. Foi a leitura desse texto que conduziu Lévi-Strauss a considerar, a seu modo, que “não se trata de saber se Marx previu com acerto este ou aquele desdobramento da história”, mas sim que “Marx ensinou que a ciência social constrói-se tão pouco no plano dos acontecimentos quanto a física a partir dos dados da sensibilidade” (Lévi-Strauss 2017: 61).

A leitura dessa obra pelo francês é notória também no sentido de que a célebre passagem de Marx no início do *18 de Brumário* em que afirma que os fatos e personagens da história são encenados duas vezes, a primeira como tragédia e a segunda como farsa (Marx 2011b: 25), é retomada em *O olhar distanciado* quando Lévi-Strauss trata da história da pintura. Nesta obra, Lévi-Strauss (1983: 350) lembra que “Marx disse que a história se repete caricaturando-se a si própria” e, assim, essa “afirmação aplica-se

18 “A expropriação da massa do povo, que é despojada de sua terra, constitui a base do modo de produção capitalista. A essência de uma colônia livre consiste, por outro lado, em que a maior parte do solo continua a ser propriedade do povo e que cada povoador pode transformar uma parte desse solo em sua propriedade privada e em meio individual de produção, sem impedir, com isso, que os colonos posteriores realizem essa mesma operação” (...) “A terra, para se tornar um elemento da colonização, tem não apenas de ser inculta, mas propriedade pública, que pode ser transformada em propriedade privada” (Marx 2013: 838).

perfeitamente à história da pintura desde há um século. Ela tem andado de crise em crise e, se exceptuarmos brilhantes sucessos individuais, poderemos dizer que cada etapa da pintura reproduziu, sob uma forma cada vez mais excessiva, os desvios imputáveis à que a precedeu imediatamente”. Ainda que aparentemente essa passagem possa sugerir uma aproximação do pensamento de Marx e de Lévi-Strauss no que diz respeito às suas concepções de História, os marxistas posteriores que eram críticos a Lévi-Strauss tinham, nessa temática, o seu principal argumento contra o autor de *O olhar distanciado*. A História, para os marxistas críticos, representava o Calcanhar de Aquiles Lévi-Straussiano, mesmo que este autor tenha, em diversas ocasiões, tentado acertar as contas com essa polêmica em razão das críticas recebidas¹⁹.

Em vista disso, quando Lévi-Strauss afirmou que “raras vezes dedico-me a enfrentar um problema de sociologia ou de etnologia sem previamente revigorar minha reflexão com algumas páginas de *18 de Brumário de Luís Napoleão* ou da *Crítica da economia política*”, não é necessário que a leitura desses textos de Marx seja demonstrada nos escritos de Lévi-Strauss através de menções ou referências ao teórico alemão. Todavia, coube-me apresentar brevemente como esses escritos de Marx serviram a Lévi-Strauss, não apenas tendo sido utilizados em determinadas circunstâncias para justificar seus argumentos, como também, por meio deles, o autor francês buscou aproximar as concepções de Marx das suas. Mas como o já renomado etnólogo francês, mesmo atestando para certas influências de Marx em sua obra, lidou quando recebeu críticas de expoentes que reivindicavam a tradição marxista? Eis o que demonstrarei a seguir.

O uso de Marx em críticas à marxistas

Algo de muito inusitado ocorre no momento em que Lévi-Strauss contrapõe três de seus críticos – Gurvitch, Rodinson e Revel – em um texto pouco debatido da coletânea *Antropologia Estrutural*: o chamado “Posfácio ao capítulo XV”. Esse texto é motivado à intenção de Lévi-Strauss em responder alguns críticos a seus escritos anteriores, prática comum a toda extensão de sua obra, desde suas primeiras publicações em meados do

19 As críticas marxistas à Lévi-Strauss tendo como fundamento a “história” são diversas. Para reduzirmos a uma, façamos menção à posição de Georges Balandier que, antes um colega próximo de Lévi-Strauss, justifica seu afastamento do etnólogo utilizando como razão exatamente a questão da história, que significava também uma janela para as demais compreensões da realidade: “O Estruturalismo de Lévi-Strauss, a partir dos anos 1950, era um projeto antropológico sem consideração explícita pela história (...) Para mim, o estruturalismo era uma análise que hoje pertenceria à esfera dos *cultural studies*, isto é, uma análise das formas, relações, esquemas, linguagens, etc., logo uma análise dissociada das circunstâncias, das pessoas em sua condição real, das sociedades e das culturas em sua condição histórica. Tudo isso foi objeto de dissensão: progressivamente, nos separamos um do outro” (Balandier *et al.* 2010: 48)

século XX até as trélicas no “Finale” das *Mitológicas*.

Quanto ao “Posfácio ao capítulo XV”, dois dos críticos mencionados, Rodinson e Revel, possuíam uma significativa influência do pensamento de Marx e conseqüentemente da tradição marxista. A posição de Lévi-Strauss em sua resposta a esses dois críticos surpreende: ela não se deu a partir de um confronto à tradição com a qual esses autores admitiam pertencer, mas sim, por meio de uma reafirmação do legado de Marx – e em certa medida de Engels – frente às críticas dos autores ditos marxistas.

Rodinson, por exemplo, tentou demarcar distinções entre sua abordagem de pesquisa – que tinha como tema o Islã e o mundo árabe – e o desenvolvimento teórico de Lévi-Strauss. Este, por sua vez, ao invés de evidenciar suas diferenças em relação a Rodinson, optou por demonstrar suas concordâncias com esse autor, todavia, com um breve lamento: “já que tanta atenção me era dedicada, teria sido mais fecundo buscar como eu tento reintegrar na corrente marxista as aquisições etnológicas dos últimos cinquenta anos” (Lévi-Strauss 2008: 357). Além dos próprios elementos estilísticos que compõem a réplica de Lévi-Strauss, esse autor afirma que “Rodinson me ataca em nome do marxismo, quando minha concepção se encontra muitíssimo mais próxima do pensamento de Marx do que a sua” (2008: 362).

Já no momento em que as críticas de Jean-François Revel são apresentadas, Lévi-Strauss o contrapõe não apenas baseado em suas próprias formulações, mas utiliza-se também dos pensamentos de Marx e Engels. Demonstra ter um conhecimento apurado sobre os interesses dos socialistas em relação às temáticas etnológicas constitutivas da segunda metade do século XIX, e afirma que “Marx e Engels sabiam muitíssimo mais etnologia, há quase um século, do que Revel sabe hoje” (Lévi-Strauss 2008: 366).

Não que o conhecimento de Revel sobre etnologia sirva de parâmetro, e é claro que há uma tonalidade irônica na argumentação de Lévi-Strauss, mas como já demonstrado, há diversos apontamentos “etnológicos” na obra de Marx. Por meio destes, foi possível constatar que a afirmação de Lévi-Strauss é correta, não somente devido ao fato de que Marx e Engels tiveram à sua disposição o que se tinha de mais sofisticado em sua época no que diz respeito à produção etnológica – textos de Morgan, Tylor, McLennan, Bachofen, Maine, entre outros – como também por uma sagacidade própria no tratamento de algumas temáticas que foram caras a Lévi-Strauss, como por exemplo, a crítica ao modo como os teóricos compreendiam o chamado “totemismo”; bem como ter dado uma importância devida à questão da proibição do incesto (cf. Álvares 2019). Infelizmente não há nenhuma evidência de que Lévi-Strauss teve contato com os chamados *Cadernos Etnológicos* de Marx, onde essas e outras questões da órbita do conhecimento antropológico foram tratadas.

Pretendo agora avançar para um caminho diferente dos empreendidos até então neste artigo. Até o presente momento, demonstrei como ocorreu o contato de Lévi-Strauss com a obra de Karl Marx, a influência do revolucionário alemão na atuação política de Lévi-Strauss, o uso do etnólogo francês de *O Capital* e do *18 de Brumário de Luís Bonaparte* e, por fim, a posição de Lévi-Strauss frente às críticas advindas de autores que reivindicavam pertencimento à tradição marxista. Agora, traçarei um breve itinerário que não consiste em uma análise da influência de Marx na obra de Lévi-Strauss, mas sim, nas concepções do próprio Lévi-Strauss sob a forma como ele mesmo concebia a influência de Marx em sua obra. O desejo em despertar algum interesse aos leitores, nessa altura do artigo, partirá de provocações enunciadas pelas próprias palavras do etnólogo francês.

A influência de Marx na obra de Lévi-Strauss... por Lévi-Strauss

No supracitado “Posfácio ao capítulo XV”, Lévi-Strauss ressalta a utilização de dois textos principais de Marx para embasar sua resposta a seus críticos: a *Crítica da Economia Política* e *O 18 de Brumário de Luís Napoleão*. É sabida a influência de Marx no jovem militante do Partido Operário Belga, e mesmo do integrante juvenil da Seção Francesa da Internacional Operária. Todavia, pouco se sabe sobre como o próprio Lévi-Strauss concebe a influência de Marx em sua obra, cujos vestígios, para além do jovem Claude que ainda não era Lévi-Strauss, se encontram até mesmo em textos de décadas posteriores.

Distante de qualquer especulação arbitrária por meio de interpretações prévias do desenvolvimento teórico de Lévi-Strauss, proponho uma breve “viagem de volta” pela obra desse teórico que “odiava viagens”. Para tanto, partirei arbitrariamente de *O Pensamento Selvagem* rumo a seus escritos de juventude, circunscrevendo esta “viagem” unicamente pelo que Lévi-Strauss disse da influência de Marx em sua própria obra tendo por referência alguns de seus mais renomados textos:

- 1) Em *O Pensamento Selvagem*, de 1962, o autor afirma que “entre a práxis e práticas sempre se intercala um mediador, que é o esquema conceitual por obra do qual uma matéria e uma forma, uma e outra desprovidas de existência independente, realizam-se como estruturas, isto é, como seres ao mesmo tempo empíricos e inteligíveis”. E em consonância com os pilares teóricos previamente expostos por Marx, conclui que “é com esta teoria das superestruturas apenas esboçada por Marx que desejamos contribuir” (Lévi-Strauss 1989: 149-150);

- 2) Acerca de *Tristes Trópicos*, de 1955, Lévi-Strauss afirma, décadas após sua publicação, que neste consagrado texto pode ser encontrada “uma hipótese marxista da origem da escrita, além de dois estudos dedicados a tribos brasileiras – Kadiwéu e Bororo – que são tentativas de interpretação das superestruturas indígenas fundadas no materialismo dialético, e cuja novidade, na literatura etnográfica ocidental, talvez merecesse maior cuidado e simpatia” (Lévi-Strauss 2008: 358);
- 3) Sobre *Raça e História*, texto de 1952, Lévi-Strauss afirma que a distinção ali estabelecida, entre “história estacionária, história flutuante e história cumulativa pode invocar certos textos de Marx” (Lévi-Strauss 2008: 362);
- 4) E quanto às *Estruturas Elementares do Parentesco*, de 1949, Lévi-Strauss retoma um argumento de Engels, baseado em Marx, de que “não é a barbárie que prova o caráter primitivo, mas o grau de integridade dos velhos laços de consanguinidade da tribo. São eles, portanto, que devemos determinar em cada caso particular para podermos tirar de fenômenos isolados conclusões para tal ou tal tribo”. A partir dessa passagem, Lévi-Strauss indaga: “e o que fiz eu, em *As Estruturas Elementares do Parentesco*, senão determinar ‘em cada caso particular’, em que consistem, ‘para tal ou tal tribo’, os ‘velhos laços de consanguinidade’?” (Lévi-Strauss 2008: 367-368).

São apenas alguns exemplos em que Lévi-Strauss se remete à sua própria obra em alusão a certa continuidade do trabalho previamente desenvolvido por Karl Marx. Talvez salte aos olhos que esta “viagem de volta” tenha partido de *O Pensamento Selvagem*, ou seja, tenha ignorado sua *Magnum opus*, a saber, os 4 volumes das *Mitológicas* e mesmo as “pequenas mitológicas” – *A via das máscaras*, *A oleira ciumenta*, e *História de linçe*²⁰. Mas essa opção não foi mero acaso: tal obra merece um lugar de destaque neste texto.

Marx nas *Mitológicas*?

Com o passar dos anos, Marx apareceria cada vez menos nos trabalhos de Lévi-Strauss. Ao passo que em obras como *Tristes Trópicos*, *O Pensamento Selvagem*,

20 “Para mim, pessoalmente, há o que eu chamo de ‘grandes mitológicas’, os quatro volumes, e os três outros, que constituem as ‘pequenas mitológicas’... estas não são, de modo algum, um balanço em relação às outras. São simplesmente questões que me pareceram interessantes e que não tinham lugar... eu tinha feito alusão a elas diversas vezes... mas elas não se encaixavam exatamente no desenrolar da argumentação. Assim, eu dizia a mim mesmo: um dia, talvez, eu retome tudo isso.” (Perrone-Moisés 1999: 18).

e *Antropologia Estrutural I e II*, diversas menções a Karl Marx são perceptíveis, não identifiquei a mesma correspondência aparente nos quatro tomos da obra máxima de Lévi-Strauss: não há, nas *Mitológicas*, nenhuma menção direta a Marx. Todavia, será que é possível encontrar, de antemão, alguma influência do revolucionário alemão nesses textos apesar da inexistência de referências explícitas?

A despeito da presença constante de Marx nas obras precedentes, ao primeiro contato com as *Mitológicas* a resposta seria negativa. A “Abertura” de *O Cru e o Cozido* vai de exato oposto ao que Marx apresenta em sua “Introdução” aos *Grundrisse*, os rascunhos d’*O Capital*. Lévi-Strauss, em seu primeiro tomo das *Mitológicas* afirma que “a hipótese inicial requer, pois, que nos situamos de imediato no nível mais concreto, isto é, no seio de uma população, ou de um grupo de populações suficientemente próximas pelo habitat” (Lévi-Strauss 2004: 19). Marx (2011a: 54), ao contrário, diz que “parece ser correto começarmos pelo real e pelo concreto (...) e, portanto, (...) começarmos pela população, que é o fundamento e o sujeito do ato social de produção como um todo. Considerado de maneira mais rigorosa, entretanto, isso se mostra falso. (...) se eu começasse pela população, esta seria uma representação caótica do todo e, por meio de uma determinação mais precisa, chegaria analiticamente a conceitos cada vez mais simples”.

Depois de toda a densa exposição em quatro livros sobre diferentes mitos, suas torções, semelhanças e dissonâncias, o leitor de *O Homem Nu*, o tomo derradeiro das *Mitológicas*, se depara com uma citação a Friedrich Engels, o grande parceiro de Marx, em uma epígrafe no final do livro: “[...] O que pensar de uma lei que só pode ser executada por revoluções periódicas? Trata-se, simplesmente, de uma lei natural fundada na inconsciência dos que a ela são submetidos” (Engels, apud Lévi-Strauss 2011: 518). É característico de Lévi-Strauss o hábito de não descartar nenhuma fonte utilizável e, assim, este autor retoma textos e autores tidos como superados pela história do pensamento de seus respectivos campos de conhecimento. Ainda provoca certo desconforto quando um aluno de Antropologia se depara com a dedicatória em memória à Lewis Morgan no momento em que está a ler as *Estruturas Elementares do Parentesco*. Nesse mesmo sentido, é curioso que no fim de *Estruturas* Lévi-Strauss recorra novamente a Engels através de uma passagem retirada daquele que é o seu livro mais controverso: *Dialética da Natureza*. O etnólogo francês subscreve a frase que diz que “[...] as leis do pensamento são as mesmas que se exprimem na realidade física e na realidade social, não sendo esta última outra coisa que um dos seus aspectos” (Engels, apud Lévi-Strauss 2012). Ora em função das próprias deficiências do livro, ora em razão de se tratar de um campo de análise distinto do lugar comum da tradição, o livro *Dialética da Natureza* foi duramente criticado e

bastante negligenciado por boa parte dos expoentes do marxismo. Lévi-Strauss, assinante e leitor assíduo de periódicos de ciências biológicas e exatas²¹, parece ter sido simpático à proposição de Engels de que não há distinções entre as leis do pensamento que se exprimem na realidade física e na realidade social.

Poucas páginas adiante da citação a Engels como epígrafe do penúltimo capítulo de *O Homem Nu*, o leitor do quarto tomo das grandes *Mitológicas* chega, por fim, ao último capítulo da obra-prima de Lévi-Strauss: o “Finale”. Esse capítulo não corresponde ao que normalmente é chamado de “conclusão”, pois as “conclusões” já estão expressas e se colam ao texto no decorrer da exposição das *Mitológicas*. Assim sendo, o “Finale” é um texto que possui um estatuto teórico distinto dos capítulos e livros precedentes da grande obra de Lévi-Strauss, e se assemelha mais ou menos ao que conhecemos como um “epílogo”. Nesse texto, de caráter mais intimista, o autor das *Mitológicas* esclarece ainda mais suas posições teóricas ao responder a diversos de seus críticos e, além disso, deixa transparecer alguns elementos que estavam implícitos nos quatro grandes tomos.

O leitor familiarizado com certos termos utilizados por Marx e pela tradição marxista, ficará intrigado com algumas passagens do “Finale”. A ausência de uma menção explícita a Marx não impede que seja realizado um exercício de investigação para compreender se há ou não algo de Marx nas *Mitológicas*. Caberá ao leitor concluir se as menções de Lévi-Strauss a determinados termos, e que evocam determinadas discussões, revelam alguma relação de influência e proximidade.

Por meio de uma discussão decorrente de uma objeção feita por Piaget, importante biólogo do século XX, o autor das *Mitológicas* tenta esclarecer em definitivo suas formulações. Piaget (1979: 58) afirma que “não se percebe porque seria descabido pensar que a natureza última do real é estar em permanente construção em vez de consistir numa acumulação de estruturas prontas”. Diante dessa crítica, Lévi-Strauss (2011: 605) se defende ao dizer que suas formulações teriam causado menos confusões se tivesse deixado claro que não pretende designar “um empilhamento de estruturas montadas e imutáveis, e sim matrizes, a partir das quais são geradas estruturas que pertencem todas a um mesmo conjunto, sem por isso permanecerem idênticas ao longo da existência individual do nascimento até a idade adulta nem, no que diz respeito às sociedades humanas, em todos os tempos e lugares”.

Na sequência de sua argumentação, Lévi-Strauss demonstra o lugar da “infraestrutura” na estrutura dos mitos.

21 “Sempre me inteirei dessas questões [ciências exatas e biológicas] através de revistas de vulgarização científica, para grande público... Enfim, continuo lendo regularmente a *Scientific American*, a *Recherche*... tento ter uma ideia muito vaga e muito ingênua do que está acontecendo” (Perrone-Moisés 1999).

Em cada versão do mito se expressa, portanto, a influência de um duplo determinismo: um a liga a uma sucessão de versões anteriores ou a um conjunto de versões estrangeiras, o outro age de modo por assim dizer transversal, por imposições de origem infraestrutural, que exigem a modificação de determinados elementos, o que acarreta a reorganização do sistema para acomodar tais diferenças a necessidades de ordem externa. Das duas uma: ou a infraestrutura pertence à natureza das coisas que põe em operação e nesse caso, inerte e passiva como elas, nada pode gerar; ou ela é da ordem do vivido e se encontra perpetuamente em estado de desequilíbrio e tensão, caso em que os mitos não poderiam dela provir por uma causalidade que logo se tornaria tautológica (...) O conteúdo de que o mito assume não é anterior, mas posterior a esse impulso primeiro; longe de derivar de um conteúdo, o mito dele se aproxima, atraído por sua gravidade específica (Lévi-Strauss 2011: 606).

O *Homem Nu* é originalmente publicado em 1971, momento em que havia forte influência do marxismo na Antropologia francesa, como já mencionado anteriormente. Alguns dos principais expoentes da chamada “antropologia marxista francesa” desenvolveram suas formulações ainda sob o impacto das publicações de Louis Althusser entre as décadas de 50 e 70 do século XX. O pequeno livro *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*, publicado originalmente em 1970, condensava algumas das formulações que Althusser já anunciava nos anos anteriores. O marxista francês levou às últimas consequências o que ficou conhecido como “metáfora do edifício”, a partir da qual Marx ilustra que “A totalidade das relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se eleva uma estrutura jurídica e política e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência” (Marx 2008: 49)

Fazendo uso dessa passagem, Louis Althusser (cf. 1974; 2008) interpreta que “Marx concebe a estrutura de qualquer sociedade como constituída pelos ‘níveis’ ou ‘instâncias’, articulados por uma determinação específica: a infraestrutura ou base econômica” que é a unidade das forças produtivas e das relações de produção, e a “superestrutura, que comporta em si mesma dois ‘níveis’ ou ‘instâncias’: o jurídico-político (o direito e o Estado) e a ideologia (as diferentes ideologias, religiosas, moral, jurídica, política, etc.)” (Althusser 1974: 25-26). Ou seja, uma base – a infraestrutura – que comporta os andares superiores – a superestrutura. Considerando que toda metáfora é um convite à elucidação de um conhecimento, para Althusser a metáfora do edifício de Marx incita o leitor a visualizar andares superiores que não poderiam se manter sozinhos se não estivessem assentados por sua base.

Lévi-Strauss (1989: 149-150) anteriormente havia endossado seu desejo em contribuir com a teoria das superestruturas de Marx, mas ao demonstrar as características da formulação teórica de Althusser, e o que significa em seu pensamento a “metáfora do edifício”, podemos afirmar que a posição infraestrutural na passagem de Lévi-Strauss não encontra correspondência direta na teorização da “infraestrutura” de Althusser²². Como já demonstrado desde o texto “As estruturas dos mitos” e referendado nas *Mitológicas*, a noção de Estrutura para Lévi-Strauss não condiz a uma disposição na qual há uma derivação de um andar – superestrutura – a partir de sua base. O etnólogo francês acena para uma autonomia relativa²³ entre as formas estruturais e, desse modo, a estrutura para Lévi-Strauss não compete à imagem de um “reflexo”, como pode ser observado na posição de Althusser, mas sim, sob o modelo de uma “torção”.

É bem provável que a utilização de Lévi-Strauss do termo “infraestrutura” no capítulo “Finale” remeta, no mínimo estabelecendo um diálogo, às proposições marxistas de sua época. Contudo, há distinções evidentes entre o argumento de Lévi-Strauss e a formulação de Althusser, esse que foi o principal teórico marxista a manusear esses termos no contexto francês pós década de 50. Ainda assim vale ressaltar que a chamada “metáfora do edifício”, no pensamento de Althusser, adquire formulações externas ao uso de Karl Marx. Isso não é um problema, sobretudo devido ao fato de que se a crítica de Marx fosse definitiva e abdicasse de complementos, o próprio marxismo seria negado. Contudo, Ludovico Silva (2012: 49) condena o perigo de se apresentar como uma explicação científica acabada algo que, no interior da exposição de Marx, aparece apenas como uma metáfora.

Ao passo que Althusser era considerado um dos principais representantes do marxismo francês, dois de seus interlocutores – Maurice Godelier (1973) e Lucien Goldmann (1966) – acreditavam que Karl Marx também era estruturalista. Considerando a insistente utilização de Althusser da metáfora do edifício de Marx, sua recepção incorreu em uma interpretação equivocada de que haveria uma conciliação entre suas formulações e o estruturalismo de Lévi-Strauss, ou até mesmo que alguns escritos de Lévi-Strauss teriam sido influenciados por Althusser. Bastaram essas suspeitas de aproximação para que Althusser fosse taxado de estruturalista.

Contudo, as distinções entre esses autores são mais evidentes que as semelhanças. Em carta a Raymond Aron em 1969, Lévi-Strauss (apud Loyer 2018: 750) afirma que até a

22 Para um diálogo mais íntimo entre Lévi-Strauss e Althusser, conferir Vanzulli (2005).

23 A “autonomia relativa” nesse caso, a partir de Lévi-Strauss, diz respeito às formas estruturais. Assim, embora remeta a um objetivo distintivo em comum, o etnólogo francês não está fazendo referência à “autonomia relativa dos complexos sociais”, conforme elabora o marxista György Lukács (cf. 2018).

presente data não tinha lido nada de Althusser e, além disso, diz a Aron: “graças ao senhor, eis-me em primeiro lugar amplamente informado sobre esse autor e, depois, redimido do sentimento instintivo que me desviara dele”. Já Althusser, em decorrência das diversas críticas recebidas pela própria tradição marxista, desenvolveu um texto especialmente sobre o pensamento de Lévi-Strauss. À época, este escrito foi divulgado somente em seus círculos próximos, mas após sua morte, a resposta produzida a Lévi-Strauss veio a público. No texto *Sobre Lévi-Strauss*, datado de 1966, Althusser disserta sobre as várias distinções de sua abordagem com a do etnólogo francês. O elemento que impulsionou a crítica de Althusser a Lévi-Strauss é bastante relevante aos propósitos deste artigo: para o marxista, Lévi-Strauss possui o desejo de “retomar Marx desconhecendo-o (não apenas não o conhecendo mas acreditando conhecê-lo, e por isso declarando marxista essa ou aquela de suas teses)” (Althusser 2005: 197). Não é do interesse deste artigo aprofundar nas críticas de Althusser a Lévi-Strauss, mas sim, demonstrar as discordâncias entre esses teóricos e, por consequência, quando fizeram uso do termo “infraestrutura”, ressaltar que não há nenhuma relação de proximidade entre o manuseio de um e de outro. Vale lembrar, de toda forma, que mesmo com as distinções, a opção de Lévi-Strauss em falar nos termos de uma “infraestrutura” pode ter sido uma consequência lexical exigida em seu contexto, mas independente das circunstâncias, tal uso não é resolutivo para que seja assinalada uma influência direta e decisiva advinda do pensamento de Marx e mesmo da tradição marxista.

A opção deste artigo em destinar um capítulo específico para tratar das *Mitológicas* parece dar ensejo a uma posição frequentemente assinalada por alguns intérpretes do etnólogo francês (cf. Dumont 1971; Schneider & Boom 1974), a saber, que as *Mitológicas* representam uma ruptura no pensamento de Lévi-Strauss em relação à sua produção precedente. É evidente que há uma mudança de foco no pensamento de Lévi-Strauss das *Mitológicas* frente a seus textos anteriores. Contudo, defendo que essa modificação é caracterizada pelo objeto de investigação, não pela sua abordagem. Para considerar que há uma ruptura entre as *Mitológicas* e sua produção anterior, a seguinte pergunta deveria ser respondida afirmativamente: as formulações teóricas de Lévi-Strauss que precederam as *Mitológicas* são dispensáveis para o entendimento de sua obra-prima? Considero que não, afinal, os pressupostos de seu estruturalismo vinham se desenhando pelo menos desde sua tese de doutorado, e as *Mitológicas* constituem, na totalidade da obra de Lévi-Strauss, uma exposição estruturalista em sua mais autêntica e refinada forma.

Ainda assim, sequer há menções a Marx na obra máxima de Lévi-Strauss. Se eu concordasse que a ausência de menções ao autor de *O Capital* nas *Mitológicas* significaria

uma ruptura de Lévi-Strauss com aquele responsável por ser uma de suas “amantes” de juventude, poderíamos supor que Marx interessaria Lévi-Strauss quando ao objeto investigado fosse necessário recorrer à crítica da economia política, o que seria suficiente para justificar as menções ao teórico alemão em seus primeiros textos e a ausência nos últimos. Contudo, se recordarmos com mais atenção da passagem dos *Tristes Trópicos* imortalizada por Philippe Descola como as “três amantes” de Lévi-Strauss, veremos que a influência de Marx no pensamento do etnólogo cola-se não ao objeto investigado, mas à sua abordagem: desvendar aquilo que aparece de modo oculto à primeira vista. A influência de Marx no pensamento de Lévi-Strauss não é determinada pela característica do objeto investigado, mas através do modo pelo qual se investiga.

Caminhando para minhas considerações *finales*, sugiro que este artigo encontra sua justificativa por três principais razões. 1) Ninguém menos que Lévi-Strauss nos convida a pensar o papel que Marx exerceu em sua obra. Quando por vezes assume que essa influência se manifesta de maneira implícita em sua produção, Lévi-Strauss nos convida a desocultar essa relação. 2) Tratam-se de dois personagens de formações eruditas e que possuem não somente uma extensa obra como também consideráveis estatutos teóricos. Ambos constituíram campos e formas de investigação originais e, além disso, deixaram renomados seguidores que defenderam os respectivos legados de seus inspiradores. 3) Por fim, considero insuficiente a literatura que tratou do tema até então. Mesmo que por vezes essa relação tenha sido interpelada por teóricos rigorosos, os nexos entre a influência de Marx no pensamento de Lévi-Strauss nunca ficaram devidamente evidenciados e, por isso, ainda não eram resolutivos; ao contrário, foram exatamente as distinções entre esses dois autores que ficaram à mostra na “vitrine da Antropologia”, assim como nos campos estruturalista e marxista.

Considerações *Finales*

Tal como o último capítulo das *Mitológicas* de Lévi-Strauss, o último tópico deste artigo possui um caráter mais íntimo: inicialmente apresentarei minha hipótese sobre a posição de Lévi-Strauss frente ao pensamento de Marx e, por fim, algumas de minhas inquietações perante essa relação.

Minha hipótese, justificada na argumentação exposta até aqui, é a de que Lévi-Strauss, embora tenha desenvolvido sua abordagem teórica com fundamentos distintos dos pressupostos marxianos, sempre teve grande respeito e admiração pela obra de Marx. Isso, principalmente devido ao fato de que Lévi-Strauss teve contato imediato com diversos textos do revolucionário alemão. A leitura feita desses textos teve sua originalidade, não

limitando-se às interpretações dos cânones do pensamento marxista de sua época, com os quais, inclusive, demonstra objeções. Nunca se rendeu ao pensamento de Marx, acreditando por vezes ter superado algumas de suas deficiências, todavia, quando oportunidade teve, não só defendeu o legado do revolucionário como também se posicionou rigorosamente diante de usos inadequados ou mesmo de leituras inconsequentes e indevidas do pensamento de Marx com as quais teve contato.

Posso ser acusado de apresentar um Lévi-Strauss devidamente marxista. No entanto, por não ter cometido esse crime, não posso assumi-lo. Minha hipótese se baseia na interpretação feita somente e a partir da obra de Lévi-Strauss. Isso não significa que tenho concordância com esta interpretação original que o etnólogo francês possui do pensamento de Marx. Ao contrário, algumas posições de Lévi-Strauss trouxeram-me inquietações e desconfortos durante o desenvolvimento da pesquisa que resultou nesse artigo. Desse modo, quero terminar este texto fazendo três objeções como base em minha posição frente a interpretações, usos e argumentos de Lévi-Strauss diante de Marx:

a) Marx não se utiliza de “método de modelos”, ao contrário do que afirma Lévi-Strauss. Marx parte das próprias categorias sociais que são partes constitutivas da realidade efetiva. Nesse sentido, “as categorias expressam formas de ser, determinações de existência” (Marx 2011a: 59). O fato do exercício de abstração empreendido por Marx superar uma apreensão caótica e desordenada da realidade não pode significar que esse autor operou por construtos prévios e nem mesmo que *O Capital* seja um “modelo criado em laboratório”. Sua forma de compreensão da realidade passa, necessariamente, pela apreensão dessas categorias sociais que, como complementa Lukács (1978: 3) “são formas movidas e moventes da própria matéria”;

b) A História realmente não possui, no pensamento de Lévi-Strauss, o estatuto que possui no pensamento marxiano²⁴. Por não compartilharem de importâncias semelhantes, a História ocupa posições distintas nos itinerários teóricos de cada um desses personagens. Mesmo que Lévi-Strauss reconheça na História um elemento incontornável para a compreensão da realidade, ela adquire, em suas formulações, um lugar secundário. A primazia da história na abordagem marxiana se baseia na constatação de que “Os homens fazem a sua própria história; contudo, não a fazem de livre e espontânea vontade, pois não são eles quem escolhem as circunstâncias

24 Para fins didáticos, utilizei o termo “marxiano” quando referi aos textos escritos por Marx, e “marxista” para os textos oriundos da tradição que teve influência desse teórico.

sob as quais ela é feita, mas estas lhes foram transmitidas assim como se encontram” (Marx 2011b: 25). Em vista disso, apesar de algumas objeções, tenho concordância com algumas das críticas marxistas ao que aqui denominei de “Calcanhar de Aquiles Lévi-Straussiano”;

c) Os dados etnográficos gerados e interpretados por Lévi-Strauss podem servir a algum entendimento de dimensões superestruturais. Todavia, isso não conduz ao entendimento de que a obra de Lévi-Strauss, expressa em ato, contribui com a “teoria das superestruturas apenas esboçada por Marx”. Em primeiro lugar, não é possível extrair da metáfora do edifício uma “teoria apenas esboçada”. Ainda que fosse possível, o fundamental a se destacar nesse ponto é que: para que seja justificada uma contribuição de Lévi-Strauss à “teoria das superestruturas” de Marx, deveria haver, por pressuposto, uma conexão íntima entre o que Marx e Lévi-Strauss concebem como superestruturas. Entendam-me bem: o fato dos “mitos” se localizarem na “superestrutura” da metáfora que Marx nos convida a imaginar, não significa que Lévi-Strauss esteja contribuindo com a tradição advinda do pensamento marxiano. O problema está na “base”: quando pensada de maneira holística, a aceitação da primazia infraestrutural advinda da tradição marxista entra em confronto com os pressupostos do estruturalismo de Lévi-Strauss.

Independente disso, este artigo não almejou mais do que reconhecer alguma influência de Marx no pensamento de Lévi-Strauss. Isso não significa um enlace entre marxismo e estruturalismo. Não tenho nenhum interesse em conciliar o inconciliável. Contudo, certa resistência imposta ao marxismo por parte de expoentes e propagandistas das obras de Lévi-Strauss me motivou a elaborar esse artigo tendo como justificativa uma análise da matriz a partir da qual irrompe o estruturalismo – e o pós – na história do pensamento antropológico. Apesar de desenvolver formulações distintas, Lévi-Strauss reconheceu a grandiosidade de Marx, e mais do que isso, sentiu a necessidade de defender seu legado em determinadas situações. A verdade difícil de dizer, porém inegável, é que o marxismo, na antropologia, nunca desfrutou de um representante tão sofisticado quanto foi Lévi-Strauss para o estruturalismo; mas ainda assim, o marxismo pôde ter em Lévi-Strauss a imagem de um intelectual que nutriu por essa tradição um imenso respeito e admiração, apesar das diferenças evidentes.

Referências

- ALMEIDA, Mauro W. B. 2003. "Marxismo e Antropologia". In: C. N. Toledo et. al. (ed.). *Marxismo e Ciências Humanas*. Campinas: Editora Xamã/ CEMarx/Fapesp. pp. 75-85.
- _____. 2008. "A fórmula canônica do mito". In: R. C. Queiroz & R. F. Nobre (ed.) *Lévi-Strauss: leituras brasileiras*. Belo Horizonte: Editora da UFMG. pp. 147-181.
- ALTHUSSER, Louis. 1974 [1970]. *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes.
- _____. 2005 [1966]. "Sobre Lévi-Strauss" (Tradução: Marco Vanzulli). *Revista Campos*. 6 (1-2): 197-205.
- _____. 2008 [1971]. *Sobre a Reprodução* (Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira) Petrópolis: Editora Vozes.
- ÁLVARES, Lucas Parreira. 2019. *Flechas e Martelos: Marx e Engels como leitores de Lewis Morgan*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais.
- BALANDIER, Georges; SAPIRO, Gisèle & STEINMETZ, George; 2010. "Tout parcours scientifique comporte des moments autobiographiques". *Acts de la Recherche en Sciences Sociales*, 185: 44-61.
- CLASTRES, Pierre. 2004 [1977]. *Arqueologia da Violência: pesquisas de antropologia política* (Tradução: Paulo Neves). São Paulo: Cosac Naify.
- CLÉMENT, Catherine. 2004 [1979]. *Claude Lévi-Strauss* (Tradução: Pedro Elói Duarte). Lisboa: Edições 70.
- COUTINHO, Carlos Nelson. 2010 [1972]. *O Estruturalismo e a Miséria da Razão*. São Paulo: Expressão Popular.
- DESCOLA, Philippe. 2009. Claude Lévi-Strauss, uma apresentação. *Estudos Avançados*, 23(67): 148-160.
- DIANTEILL, Erwan: 2010. "Depois de Lévi-Strauss: um olhar sobre a Antropologia Francesa contemporânea". *Revista de Antropologia*, 53(1): 11-38.
- DUMONT, Loius. 1971. *Introduction à deux théories d'anthropologie*. Paris: De Gruyter Mouton.
- GODELIER, Maurice. 1973. *Horizontes da Antropologia* (Tradução: Carlos de Almeida Cabral). Lisboa: Edições 70.
- GOLDMANN, Lucien. 1966. *Les sciences humaines et la philosophie* Paris: Gonthier.
- KARSENTI, Bruno. 2013. "Lévi-Strauss and Marxism". *Diogenes*, 60 (2): 67-78.
- LANNA, Marcos. 2008. "A imaginação sociológica inaudita de Lévi-Strauss". *Cadernos de Campo*, 17(17): 263-274.
- _____. 2014. "Além das coisas: o elogio da alienabilidade de Marcel Mauss". *R@U – Revista de Antropologia da UFScar*, 6 (2): 34-56.

- LÊNIN, V. I. 1977. "Friedrich Engels". In: *Obras Escolhidas de V. I. Lénine*, Lisboa: Editorial Avante.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 1983 [1973]. *O Olhar Distanciado* (Tradução: Carmen de Carvalho). Lisboa: Edições 70.
- _____. 1989 [1962]. *O Pensamento Selvagem* (Tradução: Tânia Pellegrini). Campinas: Papirus Editora;
- _____. 2004 [1964]. *O Cru e o Cozido: Mitológicas 1* (Tradução: Beatriz Perrone-Moisés). São Paulo: Cosac Naify.
- _____. 2008 [1958]. *Antropologia Estrutural* (Tradução: Beatriz Perrone-Moisés). São Paulo: Cosac Naify.
- _____. 2011 [1971]. *O Homem Nu: Mitológicas 4* (Tradução: Beatriz Perrone-Moisés). São Paulo: Cosac Naify.
- _____. 2012 [1949]. *Estruturas Elementares do Parentesco* (Tradução: Mariano Ferreira). Petrópolis: Editora Vozes.
- _____. 2013 [1976]. *Antropologia Estrutural Dois* (Tradução: Beatriz Perrone-Moisés). São Paulo: Cosac Naify.
- _____. 2017 [1955]. *Tristes Trópicos* (Tradução: Rose Freire D'aguiar). São Paulo: Companhia das Letras.
- LEVI-STRAUSS, Claude & ERIBON, Didier. 1988. *De perto e de longe: relatos e reflexões do mais importante antropólogo do nosso século* (Tradução: Léa Melo e Julieta Leite). Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- LUKÁCS, György. 1978. "As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem". *Temas de Ciências Humanas*, 4: 1-25.
- _____. 2018 [1963]. *Para uma ontologia do ser social I* (Tradução: Carlos Nelson Coutinho, Mário Duayer e Nélio Schneider). São Paulo: Boitempo Editorial.
- LOYER, Emmanuelle. 2018. *Lévi-Strauss* (Tradução: André Telles). São Paulo: Edições Sesc.
- MARX, Karl. 1972. *The Ethnological Notebooks* (Edição Lawrence Krader). Assen: Van Gorcum & Comp.
- _____. 2008 [1859]. *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo: Expressão Popular.
- _____. 2011a [1939]. *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política* (Tradução: Mário Duayer). São Paulo: Boitempo Editorial.
- _____. 2011b [1852]. *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte* (Tradução: Nélio Schneider). São Paulo: Boitempo Editorial.
- _____. 2013 [1867]. *O Capital: crítica da economia política. Livro 1: o processo de produção do capital*. São Paulo: Boitempo Editorial.

- _____. 2014 [1885] *O Capital*: crítica da economia política. Livro 2: o processo de circulação do capital. São Paulo: Boitempo editorial.
- MCKEON, Michael. 1981. "The 'marxism' of Claude Lévi-Strauss". *Dialectical Anthropology*, 6(2): 123-150.
- NÓVOA, Jorge (org.) 2007. *Incontornável Marx*. São Paulo: Editora UNESP.
- PATTERSON, Thomas. 2011. *Karl Marx, Anthropologist*. New York: Berg Publishers.
- PERRONE-MOISÉS, Beatriz. 1999. "Claude Lévi-Strauss, aos 90". *Revista de Antropologia*, 42(1-2): 9-25.
- _____. 2004. "Traduzir as Mitológicas". In: C. Lévi-Strauss. *O Cru e o Cozido: Mitológicas I*. São Paulo: Cosac Naify. pp. 5-18
- _____. 2008 "Lévi-Strauss: Aberturas". In: In: C. N. Toledo et. al. (ed.). *Marxismo e Ciências Humanas*. Campinas: Editora Xamã/ CEMarx/Fapesp. pp.17-39.
- PIAGET, Jean. 1979 [1968]. *O Estruturalismo* (Tradução: Moacir Renato de Amorim). São Paulo: Ed. Difel.
- PRADO Jr. Caio. 1971 *O estruturalismo de Lévi-Strauss e o marxismo de Louis Althusser*. Rio de Janeiro: Editora Brasiliense.
- SAHLINS, Marshall. 2003 [1979]. *Cultura e Razão Prática* (Tradução: Sérgio Tadeu de Niemayer Lamarão). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- SCHNEIDER, David & BOOM, James. 1974. "Kinship vis-à-vis Myth Contrasts in Lévi-Strauss' Approaches to Cross-Cultural Comparison". *American Anthropologist*, 76(4): 799-817.
- SEBAG, Lucien. 1964. *Marxisme et structuralisme*. Paris: Payot.
- SILVA, Ludovico. 2012 [1975]. *O Estilo literário de Marx* (Tradução: José Paulo Netto). São Paulo: Expressão Popular.
- STOCZKOWSKI, Wiktor. 2008. *Anthropologies rédemptrices: le monde selon Lévi-Strauss*. Paris: Hermann Éditeurs.
- TOPOLSKI, Jerzy. 1973. "Lévi-Strauss and Marx on history". *History and Theory*, 12(2): 192-207.
- TURATTI, Maria Cecília Manzoli. 2011. *Antropologia, Economia e Marxismo: uma visão crítica*. São Paulo: Alameda.
- VANZULLI, Marco. 2005. "Althusser sobre Lévi-Strauss e o Estatuto da Antropologia Cultural". *Campos*, 6(1-2): 175-195.

Recebido em 9 de abril de 2021.

Aceito em 16 de julho de 2021.